

A PESCA “TRADICIONAL” DE UMA COMUNIDADE CAIÇARA

Ivan de Oliveira Pires

Doutor em Geografia Física pela Universidade de São Paulo e Professor Adjunto no Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense

Ricardo Papu Martins Monge

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense e graduado em Biologia Marinha pela Universidade Federal Fluminense.
papu.ecuador@gmail.com

Resumo

A Família dos Remédios, que se autodenomina Caiçara, mora nos locais Rombuda, Martim de Sá, Saco das Anchovas e Cairuçu das Pedras no município de Paraty/RJ. Consorcia uma série de estratégias de baixo impacto como, por exemplo, a pesca com Cerco Flutuante. Esta arte de pesca foi trazida ao Brasil por japoneses por volta de 1920 e incorporada no cotidiano e no saber local/tradicional deste sistema familiar. O Cerco tem características de baixo impacto no ambiente já que possibilita o manejo por parte do pescador. Encontra-se nesta arte de pesca uma interessante forma para o diálogo do conhecimento científico e do saber local/tradicional rumo à conservação socioambiental.

Palavras chave

Pesca - cerco flutuante - saber local/tradicional.

Abstract

“Remédios” family, calling itself “Caiçara”, lives in “Robunda”, Martim de Sá, Saco das Anchovas and Cairuçu das Pedras in Paraty/RJ municipality. Gathering low-impact strategies series, eg, fishing with floating Siege. This gear has been brought to Brazil by the Japanese around 1920 and incorporated in life daily and local/ traditional knowledge this family system. The Siege has low impact characteristics on the environment as it enables management by the fisherman. It is this fishing art an interesting way for dialogue of scientific knowledge and local/traditional knowledge towards environmental conservation.

Keywords

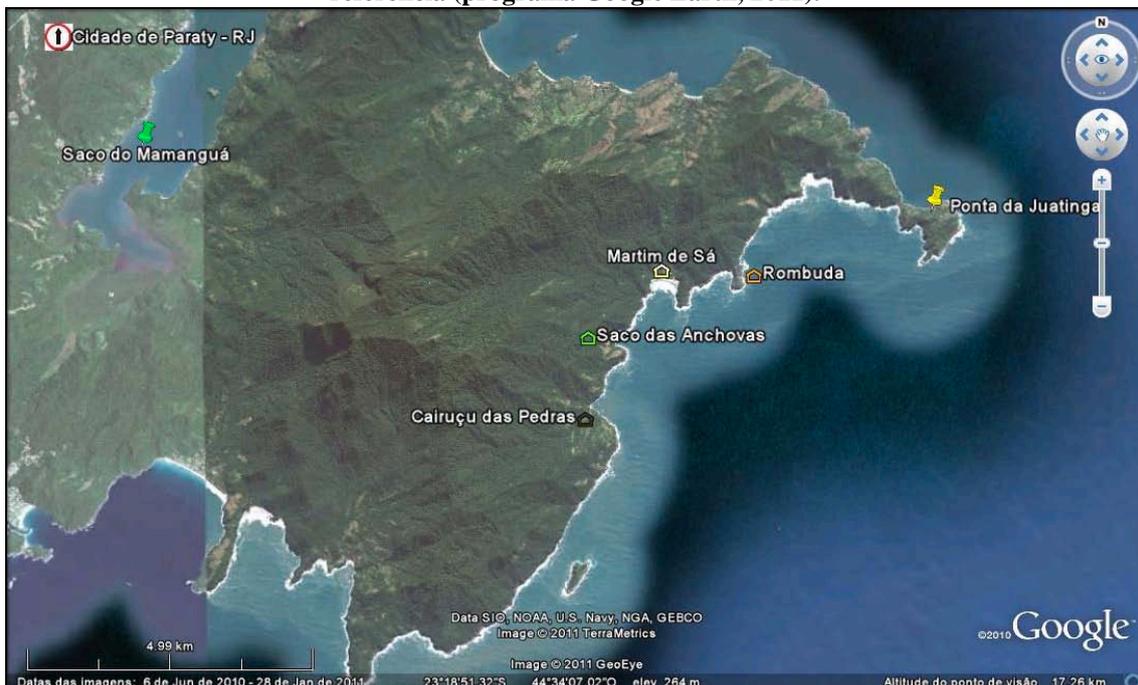
Fishing - Floating Siege - Knowing Local/Traditional.

Introdução

Nos locais conhecidos como Rombuda, Martim de Sá, Saco das Anchovas e Cairuçu das Pedras no município de Paraty/RJ^{iv}, mora a Família dos Remédios, um sistema familiar “nascido e criado” na região há pelo menos cinco gerações que se autodefine como Caiçara. Nesta região mais de 95% de cobertura vegetal é composta por mata primária ou secundária em estado avançado de regeneração, sendo a porção menos alterada pela ação antrópica (Brasil, 2004).

O lugar que eles moram é a região mais isolada do centro urbano mais próximo, a cidade de Paraty, já que o acesso se faz por mar e/ou trilhas, não havendo o acesso por estradas (Figura 1). As atividades estão intimamente ligadas aos ciclos naturais que regem a vida das pessoas. Consorciam uma série de estratégias de baixo impacto, como a pesca, a roça, artesanato, criação de galinhas e mais recentemente o turismo^v. A arte de pesca conhecida como Cerco Flutuante^{vi} se destaca de todos os tipos de atividades presentes no lugar.

Figura 1. Mapa mostrando as localidades de Cairuçu das Pedras, Saco das Anchovas, Martim de Sá e Rombuda, onde mora o sistema familiar da família dos Remédios, além de outros pontos como referência (programa Google Earth, 2011).



Um pouco da história do Cerco Flutuante

Segundo a antropóloga Gioconda Mussolini (1946), esta arte foi introduzida no Brasil por imigrantes japoneses por volta de 1920 e teve como ponto de difusão a Ilha Bela, litoral Norte de São Paulo. Mussolini conta que Kuzi Hamab, natural de Nagasaki

(Japão), chegou ao Brasil em 1919. Residiu por algum tempo em Cabo Frio (Rio de Janeiro) e ali construiu um Cerco Flutuante para um patrício, Yuzaburo Yamangata. Mudandose logo depois para a Ilha de São Sebastião (hoje Ilha Bela), construiu ali o primeiro Cerco no Sombrio. Segundo suas informações, o introdutor do Cerco de Paraty aprendeu a arte com ele. Mussolini conta ainda que:

Como inovação, o cerco introduzido no Sombrio teve melhor sorte que o espécime que me informaram ter surgido há anos atrás em Parati (Estado do Rio): este único exemplar, possuído por um japonês, causou verdadeira perplexidade aos paratianos que não podiam atinar com a causa por que o afortunado oriental conseguia tanto peixe. Mas o cerco em Parati teve destino de natimorto: não sobreviveu à fase de incompreensão e espanto, e a retirada dos japoneses do litoral, por ocasião da guerra, pôs fim à novidade que passou sem deixar vestígios, uma vez que não houvera tempo para o aprendizado de sua confecção (Mussolini, 1946, p281).

Em conversa informal com Olímpio Elesbão, “Seu Olímpio”, um dos mais antigos moradores da Ponta da Juatinga, outra localidade da região de Paraty, conta a história de um japonês chamado Oda que em 1943 se refugiou na Juatinga para fugir dos grandes centros já que o Brasil estava em guerra contra o Japão e trouxe consigo o Cerco Flutuante. Hoje os descendentes do Oda moram no local conhecido como Calhaus, localidade da região.

Segundo o estudo Ecologia de Pescadores Artesanais da Baía de Ilha Grande de Begossi *et al.* (2010), de todas as tecnologias distintas de pesca que foram mencionadas para a captura dos peixes mais citados por pescadores, cerca de quatro tecnologias são mais comuns e amplamente utilizadas para a captura de diversas espécies, sendo o Cerco Flutuante uma destas. Outros estudos recentes^{vii} (Brasil, 2004; Igara, 2011) mostram a existência de 45 a 52 Pontos de Cerco^{viii} no município de Paraty com uma enorme dependência deste método de pesca, pelas comunidades de pescadores que habitam os ambientes costeiros sob influência do mar aberto, mais isoladas de Paraty, sendo que inúmeras famílias desta região subsistem da produção do Cerco Flutuante. Ou seja, o destino natimorto do Cerco Flutuante em Paraty não se concretizou, como colocado por Mussolini em 1946.

As mesmas condições de local requeridas para a instalação deste engenho que tornaram o litoral norte do Estado de São Paulo, com suas inúmeras enseadas profundas e bem abrigadas, o trecho perfeito para a instalação dessa armadilha de pesca (Vieira *et al.*, 1945 apud Mussolini, 1946), são encontradas no litoral sul do Estado do Rio de

Janeiro, o que justifica o sucesso da implementação.

Nos locais deste estudo a pesca com Cerco Flutuante faz parte da vida da família há mais de 30 anos, o sogro do “Seu Maneco”^{ix}, Marciano, foi o primeiro que se tem registro que utilizava esta arte de pesca no ponto do Cairuçu das Pedras. Depois “Seu Maneco” foi dono de um Cerco no Saco das Anchovas e passou para seus filhos o conhecimento. Hoje vemos os filhos e os netos pescando desta forma. Seu Maneco conta que:

Quem trouxe a rede de Cerco foi o japonês, que veio aqui para o Pouso da Cajaíba, trouxe o modelo de rede, aí os caiçaras foram aprendendo com ele. Hoje já muita gente corta cerco. Eu aprendi, meus filhos aprenderam comigo tudo, já corta cerco, arruma cerco, troca panagem, mas é complicado, se não souber armar o cerco, do jeito que ele é em cima, as paredes descem e o fundo embaixo tem que ter o mesmo formato, no meio mais largo, aí vai. (Seu Maneco).

Esta arte de pesca trazida de fora foi inserida no cotidiano da vida deste sistema familiar. Toda a família dos Remédios trabalhou ou trabalha com esta arte, e ela é a principal fonte de renda e trata-se de uma atividade rentável economicamente para eles, pois o produto da pesca do verão possibilita a subsistência do resto do ano, já que eles só pescam com Cerco no verão^x. Hoje existem quatro cercos nos locais do estudo, um na Rombuda do Carmusino, um no Saco das Anchovas do Cláudio, dois no Cairuçu das Pedras, sendo um do Pedro e outro do Marcos, este último instalado no ponto conhecido como Ilhote do Cairuçu. Todos estes donos de cerco são filhos do “Seu Maneco”. Em Martim de Sá, embora existam outras pescarias, não tem ponto de Cerco já que não “presta” para a instalação deste petrecho por ser uma praia não abrigada com ondas e é necessário um certo abrigo próximo da costeira para isto.

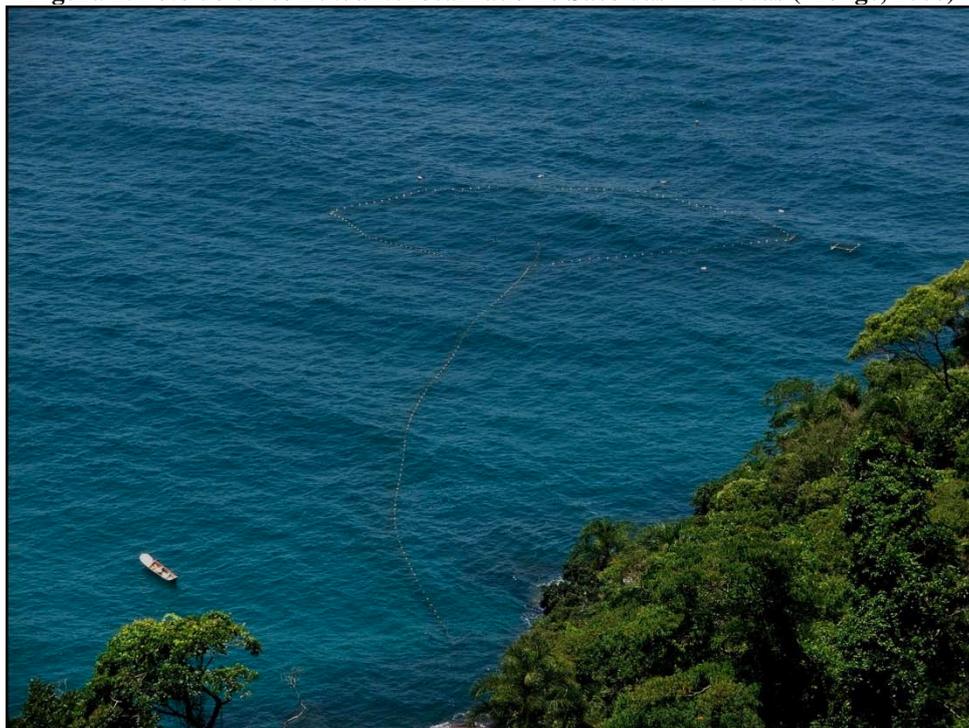
Descrição do Cerco Flutuante:

O Cerco Flutuante é uma armadilha de rede flutuante^{xi} que se coloca próxima à costeira, onde a tática é de “sentar e esperar”, uma arte passiva de captura, ou seja, diferente da tática ativa, onde vai se em busca do peixe. Esta armadilha abrange toda a coluna d’água, e segundo Seckendorff et al. (2009) seu princípio de funcionamento é pescar 24 horas por dia, capturando e mantendo vivos os cardumes que, ao migrarem para zonas costeiras, adentram o aparelho e não conseguem mais sair.

Os pescadores contam que este petrecho consta essencialmente de duas partes: o caminho, uma rede retangular como se fosse uma rede de espera, que é largada desde a

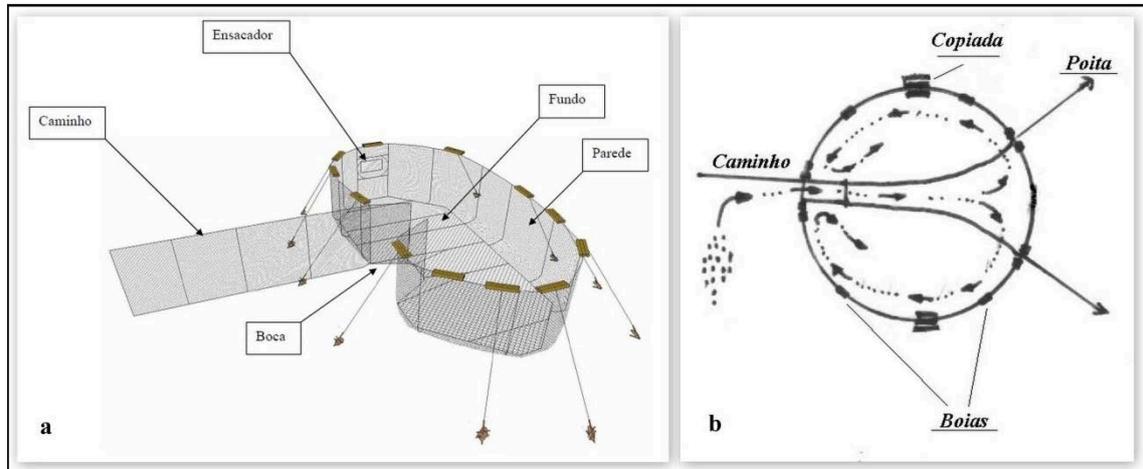
beira da pedra, no costão, até a altura do rodo, onde a este está preso. O peixe bate e desvia em direção ao rodo. O rodo, uma rede elíptico-cilíndrica, ou seja, em forma de coador de café, mas que não se afunila, formando um grande compartimento onde o peixe fica preso “rodeando”, ou seja, dando voltas. As figuras 2 e 3 ilustram melhor o Cerco Flutuante:

Figura 2. Foto do cerco flutuante localizado no Saco das Anchovas (Monge, 2008)



Este tipo de pescaria é realizado com uma equipe composta pelo dono do cerco e os camaradas. De 3 a 4 vezes ao dia, variando dependendo da disponibilidade do peixe, os pescadores em duas canoas a remo, feitas de um só tronco^{xii}, visitam a rede para realizar a despesca. Nos locais de estudo a despesca se caracteriza por ser realizada em família com a presença de crianças e também de mulheres, sendo interessante notar a presença delas em trabalhos tidos exclusivamente como de homens. Geralmente a pesca, como mostra Cavalcanti (2008), é uma atividade eminentemente masculina, sendo essa afirmação um consenso na literatura acadêmica que trata da temática pesqueira. Às mulheres fica reservado o espaço da coleta de mariscos, moluscos, algas, camarão e outros recursos que podem ser coletados na beira de praias, lagos e rios, ou seja, o extrativismo em geral.

Figura 3. a) Desenho esquemático de um Cerco Flutuante com destaque de suas partes principais (Seckendorff et al., 2009). b) Desenho esquemático, numa visão aérea, de um Cerco Flutuante mostrando como os organismos ficam “rodeando” o petrecho e não conseguem sair. (Modificado de TAMAR, 2000)



As canoas têm tamanhos e funções diferentes. A menor, aonde vão dois pescadores, destina-se a fechar a chamada “boca-do-cerco”, local de encontro entre o caminho e o “rodo”, por onde entram os peixes. Ao levantar uma parte desta rede, fecha-se a entrada e evita-se que o que está dentro saia. A partir deste momento a outra canoa, aonde vão idealmente três pescadores, mas no mínimo dois, começa a puxar a rede do rodo também. Acontece que esta se situa na lateral esquerda do Cerco, tendo como referência a boca onde a canoa menor está. Esta parte é chamada de “copiada fina”, lugar onde a rede é igual à das paredes do Cerco, malha grande e fio fino. Os pescadores da canoa da “copiada-fina” começam então a puxar a rede, o que eles chamam de “panear”. Vão “paneando” e soltando a rede que já puxaram, empurrando os peixes em direção à “copiada-grossa”, esta localizada do lado oposto da “copiada-fina”, onde encontramos o que eles chamam de “ensacador”, rede de malha menor e fio mais grosso, destinada a guardar o peixe encurralado no final do processo. Quando a canoa maior ultrapassa a boca da rede, a canoa menor solta a rede da boca e inicia o mesmo procedimento da canoa maior, até que as duas se encontram frente a frente com o fundo da rede ou ensacador entre elas, com o peixe ensacado (Figura 4).

Figura 4. Visita (despesca) do Cerco Flutuante do Cláudio no Saco das Anchovas. a) Canoa de menor porte fechando a boca do cerco enquanto a outra canoa (ao fundo) espera por este procedimento para o peixe não fugir. b) Canoa de maior porte com três pescadores começando a panear a rede, empurrando os peixes em direção do ensacador (Monge, 2008).



Os pescadores começam a selecionar os peixes, com o auxílio de uma vasilha de plástico que eles chamam de cuia ou simplesmente com as mãos, ou podem virar todo o conteúdo do ensacador para dentro de uma das canoas. Devolvendo alguns peixes devido a não terem valor comercial ou serem muito “miúdos”, sendo sempre a última palavra do Dono do Cerco. A intenção da rede não é emalhar, e sim manter vivos os organismos dentro deste rodo até a visita. Mesmo assim alguns peixes podem ficar emalhados, demandando a retirada durante o processo de panear.

O Cerco fica em torno de 15 a 20 dias arriado^{xiii}, depois deste tempo é retirado do mar para limpeza ao sol dos organismos incrustantes e para reparos das redes que por ventura se danificam. De tempos em tempos eles tingem o Cerco de vermelho com uma tinta extraída da casca de uma árvore que eles denominam de Tingicuiá (*Tibouchina sp.*). Segundo os pescadores a intenção é impermeabilizar a redes e melhorar a resistência ao ataque do limo ou lama^{xiv} e evitar que o peixe veja a rede. Interessante notar que, mesmo sendo uma arte vinda do Japão, se utiliza uma espécie da Mata Atlântica para o banho de resistência. Inclusive notase o conhecimento que se tem da cor vermelha, já que é que justamente o espectro vermelho o primeiro a desaparecer nos primeiros metros de profundidade, tornando tudo o que for de cor vermelha invisível.

Assim como observado por Seckendorff *et al.* (2009) no modelo de Cerco Flutuante utilizado no Litoral Norte do Estado de São Paulo, o modelo nos locais de estudo também não sofreu nenhuma alteração significativa desde sua implantação no Brasil por volta de 1920, a não ser a substituição de fibras naturais pelo nylon (fio de

pneu). Mussolini (1946) fala naquela época da retirada do cerco flutuante para um banho de resistência, sendo outra característica preservada pelos pescadores deste trabalho, assim como o método de divisão do produto da pesca, o “quinhão”.

O produto da pesca é armazenado no gelo e comercializado na sua maioria na cidade de Paraty^{xv}. Este tipo de pesca é realizado somente no verão, já que no inverno as condições do mar ficam adversas, não sendo uma época boa para a captura dos peixes. No inverno se dedicam à lavoura ou simplesmente descansam, sendo as “férias”, como eles mesmo dizem:

A gente pesca seis meses... no período do verão e no período do inverno a gente tira para descansar... (Luciana).

Outros estudos com pescadores da região também afirmam que é na época quente que existe uma maior abundância de peixes. Na Síntese do Diagnóstico Socioambiental das Comunidades de Pescadores Artesanais da Baía da Ilha Grande/RJ (IBio, 2009), das 23 espécies destacadas para Paraty, 17 são ditas como mais abundante no verão.

O Cerco Flutuante e sua sustentabilidade:

A pesca com Cerco Flutuante espera o peixe chegar, ou seja, uma arte passiva como mencionado anteriormente, que não promove impacto mecânico do habitat como acontece com outras pescarias como a de arrasto de camarão ou a parelha, que são muito atuantes na região (MMA, 2007). A escolha dos pontos dos cercos e a adequação das dimensões do petrecho para o local onde são instalados faz com que estes pontos sejam fixos e tradicionais, mantendose nos mesmos locais há mais de 50 anos (Mussolini, 1946; Alvarenga *et al.*, 2011).

Esta pescaria não tem um alvo específico, várias espécies “de passagem” são capturadas e comercializadas, mostrando que é uma arte de pesca multiespecífica. Nas capturas foram identificadas pelo menos 60 espécies diferentes válidas para comercialização, distribuindo o esforço de pesca, ou seja, não foca em uma só espécie a pressão, distribuindo-a entre várias. Não é seletiva porque “pega tudo que passa pela costeira”, mas como não tem a intenção de emalhar o peixe e como foi verificada a existência de manejo por parte dos pescadores na hora da despesca, devolvendo “miúdos”, espécies em defeso, sem valor comercial e tartarugas, ela acaba sendo seletiva neste aspecto, sendo o descarte praticamente inexistente (Monge, 2008). Claro

que depende do pescador estar consciente da necessidade de liberar filhotes e espécies ameaçadas, mas isto é verificado em outros estudos, por exemplo, os do projeto TAMAR onde mostra a devolução de tartarugas por parte dos pescadores ou em Santa Catarina que se verificou que os poucos juvenis coletados eram realmente acidentais, não havendo descarte nessa arte de pesca (TAMAR, 2000; Magro, 2006). Ainda os locais onde estão instalados estes Cercos não são locais de criadouros.

Aquela rede fica encostada na areia, então todo peixe que passa nele a tendência é nadar para fora, mas chega ai e tem o cerco, ai ele entra dentro e não consegue mais sair até a hora da pessoa ir lá visitar. Então naquele cerco você pega tudo que passar no mar, se passar tartaruga você pega e fica presa lá, só não fica morta. Se correr xerelete pega, espada, parnaguaiu, sardinha, bonito, toda qualidade de peixe pega ali. (Carmosino).

Por tudo o exposto, podemos afirmar que este é um tipo de pesca de baixo impacto no ambiente. Como aponta Blank (2002), para a pequena pesca, a utilização de métodos passivos que mantêm os organismos vivos até o momento da despesca pode representar um fator de diferenciação em relação a outras modalidades de pesca, por possuir manejos ambientalmente recomendados. Temos também que, como o êxito da estratégia deste tipo de pesca depende da alta densidade e mobilidade das presas (TAMAR, 2000), o Cerco Flutuante funciona como um diagnosticador da situação da pesca. Vários são os relatos da diminuição de peixes na região associados à passagem de pescarias predatórias como a da parelha, por exemplo. Referindo-se ao arrastão e à parelha, Pedro conta que:

Há uma diferença muito grande quando eles passam aqui e quando eles não passam. Barcos vêm de Angra, de Ubatuba e do Sul pescar na região. (Pedro).

Como observado, o pescador realiza seu manejo, preocupado com a manutenção do seu meio de subsistência, devolvendo os miúdos segundo seus saberes locais/tradicionais, mas também devolvendo tartarugas e espécies em defeso como a sardinha por conta de um saber científico que colocou isso. Além do manejo que foi verificado, os pescadores da família dos Remédios possuem uma série de saberes, sobre a confecção do Cerco ou das Canoas de um tronco só, saberes relacionados à biodiversidade local como o comportamento dos peixes, pesqueiros mais adequados

para instalação dos Cercos, cascas de árvores úteis para a impermeabilização do Cerco, entre outros.

Mesmo demonstrada a sustentabilidade do Cerco Flutuante por vários estudos, como os de TAMAR (2000), Blank (2002), Monge (2009), Seckendorff et al. (2009), entre outros, esta arte enfrenta conflitos em algumas regiões, sendo inibida ou proibida. Para resolvê-los existem algumas iniciativas sendo tomadas. Em São Paulo o Conselho Gestor da Área de Proteção Ambiental Marinha do Litoral Norte criou um Grupo de Trabalho sobre Cercos Flutuantes, e vem formulando, junto com os pescadores artesanais da região, uma minuta de lei para definir as normas para a regulamentação pesqueira realizada com o uso desta arte nesta região. No estado do Rio de Janeiro existe a iniciativa do Ministério da Pesca e Aquicultura de se construir um Acordo de Pesca para a região da Baía da Ilha Grande, onde uma das demandas da comunidade pesqueira de Paraty é obter licença para o Cerco Flutuante, com normas específicas já que ela é proibida em alguns locais.

Os pescadores são capazes de opinar, sugerir alternativas e propor regras próprias, em conjunto com os órgãos competentes, para direcionar a exploração do recurso, para que esta se dê de forma sustentável e sem prejudicar a manutenção de famílias e comunidades (IBio, 2009). Na busca pela sustentabilidade ambiental, social e econômica na pesca, o Cerco Flutuante é uma arte que merece atenção dos órgãos reguladores devendo, inclusive, passar por uma (re)avaliação do processo de “permissionamento” (escassa ou inexistente), como colocado por Seckendorff *et al.* (2009).

Hoje em dia o tema da conservação ambiental está em pauta mais do que nunca, e se entendermos a conservação com um olhar socioambiental, e o conhecimento científico e o saber local/tradicional como formas abertas, inacabadas e em permanente construção e movimento de entender e agir sobre o mundo, o Cerco Flutuante se mostra como uma interessante forma destes conhecimentos dialogarem rumo a uma conservação, mas socioambiental.

Conclusão

A família dos Remédios que mora nos locais conhecidos como Rombuda, Martim de Sá, Saco das Anchovas e Cairuçu das Pedras no município de Paraty/RJ, há

pelo menos cinco gerações tem a arte de pesca do Cerco flutuante como uma das suas principais atividades. Toda a família trabalhou ou trabalha com esta pescaria, e trata-se de uma atividade rentável economicamente para eles, pois o produto da pesca do verão possibilita a subsistência do resto do ano, já que somente pescam na época quente devido às melhores condições ambientais e à disponibilidade de peixes. Mesmo sendo uma arte de pesca vinda do Japão, ela foi incorporada no saber local/tradicional e se caracteriza por ser realizada em família com a presença de crianças e também de mulheres. Eles possuem uma série de saberes relacionados ao Cerco e à biodiversidade local.

Devido aos atributos deste petrecho (arte passiva que espera o peixe chegar, não destrói mecanicamente o habitat, multiespecífica, etc.) e o manejo realizado pelos pescadores, a pesca com Cerco Flutuante pode ser considerada de baixo impacto ao ambiente, sustentável. Ainda é possível afirmar que se encontra nesta pescaria uma interessante forma para o diálogo do conhecimento científico e do saber local/tradicional.

Referências bibliográficas

ALVARENGA, F. S.; BECKER, J. H.; GIFFONI, B. B.; MACEDO, S.; ALMEIDA, B. A. D. L.; WERNECK, M. R.; BRONDÍZIO, L. S.; OTTONI, G. F.; TAVARES, R. I. S.; BRITTO, M. de K.; DAMÁSIO, L. de M. A.; GALLO, B. M. G. Caracterização dos cercos flutuantes em Ubatuba – Litoral Norte de São Paulo. In: V Simpósio Brasileiro de Oceanografia. Oceanografia e Políticas Públicas, Santos: SP, Brasil – 2011. Disponível em: <http://www.vsbo.io.usp.br/trabs/150.pdf>. Acesso realizado em junho de 2011.

BEGOSSI, A.; Lopes, P. F.; DE OLIVEIRA, L. E. C.; NAKANO, H. 2010. Ecologia de Pescadores Artesanais da Baía de Ilha Grande. São Carlos: RIMA. 298 p.

BLANK, A. G. 2002. Análise das Capturas da Arte de Pesca Cerco Flutuante, da Ilha Anchieta, Ubatuba, SP. Santos, 2002. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso, UNISANTA – Santos.

BRASIL – Ministério do Meio Ambiente. Biodiversidade Marinha da Baía da Ilha Grande / Joel C. Creed, Débora O. Pires e Marcia A. de O. Figueiredo, organizadores. Brasília, 2007. 416p.

BRASIL – Ministério do Meio Ambiente. Plano de Manejo da APA de Cairuçu: Encarte I – Caracterização ambiental. Estudo solicitado à Fundação SOS Mata Atlântica, 2004. 243 p.

CAVALCANTI, D. R. 2008. M. Mulheres nas águas: gênero e mudanças sociais na pesca artesanal entre Paraíba e Pernambuco. In: 26°. Reunião Brasileira de Antropologia – Porto Seguro, Bahia, Brasil.

IBIO – Instituto BioAtlântica. Projeto Mares da Ilha Grande: Síntese do Diagnóstico Socioambiental das Comunidades de Pescadores Artesanais da Baía da Ilha Grande (RJ). Rio de Janeiro: 2007. 80 p. Disponível em: http://www.bioatlantica.org.br/bioatlantica_ilha_grande_sintese_diagnostico_pesca_artesanal_jul09.pdf. Acesso realizado em junho de 2011.

IGARA – Consultoria em Aquicultura e Gestão Ambiental. Estudos para definir proposta de categoria de unidade de conservação para o espaço territorial constituído pela Reserva Ecológica da Juatinga e Área Estadual de Lazer de Paraty Mirim. 2011. 28p. Disponível em: http://www.bocaina.org.br/images/BOCAINA/documentos/rej_recategorizacao_apresentacao_ctucscomunidades_22julho2011.pdf. Acessado em agosto de 2011.

MAGRO, M. 2006. Aspectos da Pesca e Dinâmica de Populações do espada, *Trichiurus lepturus* (Trichiuridae, Teleostei), da costa SudesteSul do Brasil. São Paulo, 2006. 174f. Tese de Doutorado – Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MONGE, R. P. M. Pesca com rede de cerco flutuante na Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), Município de Paraty/RJ. Niterói, 2008, 78 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em: http://urutau.proderj.rj.gov.br/inea_imagens/downloads/pesquisas/RE_Juatinga/Monge_2008.pdf. Acesso realizado em junho de 2011.

MUSSOLINI, G. 1980. O cerco flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a Ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil. 1946. In: Ensaios de Antropologia Indígena e Caiçara, Coleção Estudos Brasileiros, v. 38. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 289 p.

SECKENDORFF, R. W.; AZEVEDO, V. G.; MARTINS, J. K. 2009. Sobre a Técnica Construtiva da Arte de Pesca de Cerco Flutuante no Litoral Norte de São Paulo, Brasil. Série Relatórios Técnicos. Instituto de Pesca (Online), v. 40, p. 116.

TAMAR. 2000. Manual de artes de pesca que capturam tartarugas marinhas em São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Ceará e Fernando de Noronha. Ubatuba: 27p.

Notas

ⁱ Boaventura de Sousa Santos (1989), embora veja nessas correntes fenomenológicas um avanço em relação ao positivismo, julga-as insuficientes. O que ele propõe é uma dupla ruptura: uma vez feita a ruptura epistemológica com o senso comum, o ato epistemológico mais importante seria a ruptura com a ruptura epistemológica. O objetivo dessa segunda ruptura é construir um senso comum esclarecido e uma ciência prudente.

ⁱⁱ No campo das ciências sociais, podemos notar a enorme influência de Bachelard na obra de Bourdieu, para o qual o conhecimento científico tem de ser deliberadamente diferenciado do conhecimento primário (senso comum, opinião, experiência imediata); se o conhecimento primário é subjetivo, o conhecimento científico é uma espécie de objetivismo construído.

ⁱⁱⁱ Podemos incluir aqui não só o positivismo sociológico, representado por Durkheim, mas também o positivismo jurídico, sobretudo em sua versão kelseniana, cuja proposta era construir uma ciência pura do direito.

^{iv} Estes locais estão inseridos na região que hoje é conhecida como Reserva Ecológica da Juatinga (REJ), unidade de conservação (UC) estadual que passa por processo de reclassificação e Área de Proteção Ambiental (APA) do Cairuçu, UC federal.

^v O turismo é uma atividade que praticamente só ocorre em Martim de Sá, por esta ser uma extensa e bela praia, e limitase às férias e feriados longos.

^{vi} Referiremos-nos também simplesmente como Cerco para falar desta arte de pesca.

^{vii} Estudos feitos na área de abrangência das UCs APA Cairuçu e REJ.

^{viii} Ponto de Cerco é o lugar com condições ideais para a instalação de um Cerco Flutuante.

^{ix} Manoel dos Remédios, “Seu Maneco” é a liderança local mais conhecida e pai dos atuais donos dos Cercos Flutuantes instalados nestes lugares

^x Eles se referem a verão como sendo a época da primavera-verão e pescam nesta época, pois encontram as melhores condições ambientais. No outono-inverno se referem como inverno.

^{xi} Flutuante por não ser fixa, sendo retirada de tempos em tempos.

^{xii} Esta família é uma das ultimas da região a realizarem ainda a confecção deste tipo de canoa de um tronco só.

^{xiii} Nome local que se refere ao Cerco estar instalado na água.

^{xiv} Denominação local sobre algas e outros organismos incrustantes, às vezes bioluminescentes.

^{xv} Os locais contam com apenas um par de placas solares que não abastecem o suficiente para equipamentos para condicionar o peixe, por isso eles conservam por poucos dias o produto da pesca no gelo até a viagem para Paraty.

ARTIGOS

O TRÂNSITO DE BENS ENTRE BRASIL E PORTUGAL ATRAVÉS DA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE HOMOLOGAÇÃO DE SENTENÇAS ESTRANGEIRAS QUE ENVOLVEM IMIGRANTES PORTUGUESES

Gladys Sabina Ribeiro

A ÉTICA DAS MÍDIAS SOCIAIS NA ESFERA PÚBLICA

Sandro José de Oliveira Costa

FUSÃO, MAGISTRATURA E MEMÓRIA

Jorge Luís Rocha da Silveira

OS INFILTRADOS: LIMITES "LEGAIS E ÉTICOS" DA ATUAÇÃO DA "IMPrensa INVESTIGATIVA" NO BRASIL

Edson Fernando Dalmonte e Wanise Cabral Silva

VILA PARAÍSO: INVISIBILIDADE DAS PROSTITUTAS DO BREGA 45, CONJUNTO DE PROSTÍBULOS NO ENTORNO DA MINERADORA RIO NORTE, ÀS MARGENS DO RIO TROMBETAS, EM ORIXIMINÁ (PA)

Wilson Madeira Filho; Leonardo Alejandro de Gomide Alcântara; Ivan Ignácio Pimentel; Denise da Silva Vidal; Thais Maria Lutterback Saporetti Azevedo; Carolina Weiler Thibes; Jamile Medeiros de Souza; Alessandra Dale Giacomini Terra

A DISCRIMINAÇÃO DAS RENDAS NO BRASIL: DEBATES NA ASSEMBLÉIA NACIONAL CONSTITUINTE (1890-1891)

Priscila Petereit de Paola Gonçalves

O MINISTÉRIO PÚBLICO NO IMPÉRIO

Adriano Moura da Fonseca Pinto e Sandra de Mello Carneiro Miranda

CORTEM AS CABEÇAS: A CONSTRUÇÃO DOS ACESSOS E DIREITOS DA MULHER NO OITOCENTOS

Philipi Gomes Alves Pinheiro

O JUIZ DE PAZ SOB PERSPECTIVA: A PARTICIPAÇÃO POLÍTICO-ELEITORAL NO BRASIL E NA FRANÇA DO OITOCENTOS

Kátia Sausen da Motta

INTERDISCIPLINARIDADE E O TERRENO CIENTÍFICO DO CONHECIMENTO E DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Edina Schimansk e Jussara Ayres Bourguignon

A AUDIÊNCIA PÚBLICA COMO ESFERA PÚBLICA: UMA ABORDAGEM SOBRE O CASO COMPANHIA SIDERÚRGICA DE UBU (CSU), ANCHIETA-ES

Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro

“CONSUMO, ERGO SUM” (ou CONSUMO, LOGO EXISTO)

Napoleão Miranda

CIÊNCIA E SENSO COMUM: REPENSANDO A DICOTOMIA A PARTIR DA ETNOMETODOLOGIA

Fábio Ferraz de Almeida

A PESCA “TRADICIONAL” DE UMA COMUNIDADE CAIÇARA

Ivan de Oliveira Pires; Ricardo Papu Martins Monge